



PALÁCIO
DE VALFLORES



CANAL
DE ALVIELA



BAIRROS
OPERÁRIOS



HORTAS



IGREJA MATRIZ
DE SANTA IRIA



OLIVEIRA
MILENAR



CASTELO
DE PIRESCOXE



PERCURSO



DO PALÁCIO AO CASTELO

DESCRIÇÃO

Este percurso é totalmente percorrido na freguesia de Santa Iria de Azóia. Começa em Via Rara junto ao Palácio e Quinta de Valflores, atravessa o canal do Alviela, seguido uma visita à Igreja Matriz, passa junto à Oliveira Milenar e termina no Castelo de Pirescoxe, sendo que o regresso ao ponto inicial pode ser feito de forma mais directa.

PERCURSO

Distrito: Lisboa

Concelho: Loures

Freguesia: Santa Iria de Azóia

Âmbito: Cultural

Duração: aproximadamente 2 horas, em ritmo de passeio com pausas para visitas e observação

Distância total: +/- 5,5 km [3,5 km (ida) + 2 km (regresso)]

Grau de dificuldade: Fácil

Tipo de percurso: Linear

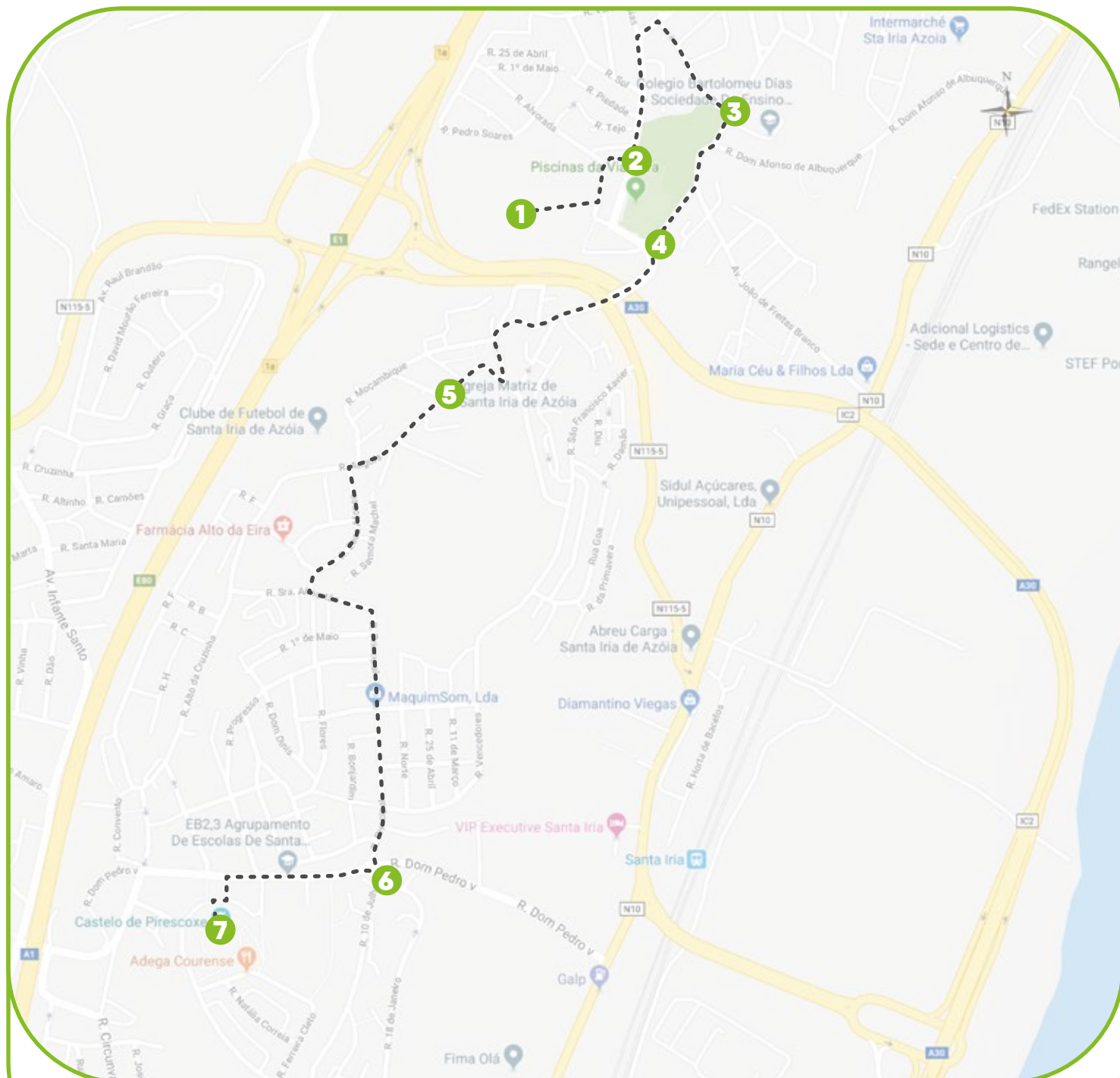
Desníveis: Inexistentes

Época aconselhada: Todo o ano

Distâncias parcelares:

- **5 m** | Palácio de Valflores > Escadinhas da Fonte
- **550 m** | Escadinhas da Fonte > Rua D. Afonso Albuquerque
- **400 m** | Rua D. Afonso Albuquerque > Rua Eugénio de Andrade
- **200 m** | Rua Eugénio de Andrade > Canal do Alviela, pelas hortas urbanas
- **500 m** | Canal do Alviela > Igreja Matriz
- **1,200 m** | Igreja Matriz > Oliveira Milenar
- **600 m** | Oliveira Milenar > Castelo de Pirescoxe

DO PALÁCIO AO CASTELO



- 1 Palácio de Valvões 2 Canal de Alviela 3 Bairros Operários 4 Hortas
5 Igreja Matriz de Santa Iria 6 Oliveira Milenar 7 Castelo de Pirescoxe



ADAL
Associação de Defesa
do Ambiente LOURES

Por uma cidadania mais ativa

www.adaloures.pt | adaloures@gmail.com

BREVE DESCRIÇÃO DAS PARAGENS:

PALÁCIO DE VALFLORES



O Palácio de Vale de Flores é uma casa de campo senhorial, ou seja, uma residência civil, construída no século XVI, de feição renascentista, de inegável valor arquitetónico. Estamos perante um dos poucos exemplares deste tipo de edificações, não só no distrito de Lisboa, mas também no resto do país, como assinalaram vários historiadores. Com efeito, existem já poucas casas senhoriais deste género e época, e mais ainda, que tenham chegado até aos nossos dias com poucas alterações em relação à construção inicial.



Esta residência rural senhorial foi mandada erigir por Jorge de Barros, fidalgo da casa real de D. João III. Erguida na encosta de uma propriedade rural, apresenta uma planta quadrangular com dois pisos e um sobrado nos torreões, e capela adossada. A residência está virada a sul mas, para aquele que a visita, o que ressalta é a sua posição sobranceira em relação ao vale contíguo e, a distância, ao Tejo. É por isso que a fachada principal do edifício possui uma graciosa e ampla galeria aberta para o rio Tejo, a “loggia”, grande e larga varanda à italiana, constituída por arcos abatidos sobre colunas toscanas.

*Palácio de Valflores está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1982
(Decreto n.º 28/82, DR, 1.ª série, n.º 47 de 26 fevereiro 1982)*

CANAL DE ALVIELA



Durante o percurso é possível observar parte da estrutura do Canal do Alviela, notável obra de engenharia civil edificada entre 1871 e 1880, com o propósito de abastecer de água a cidade de Lisboa e os concelhos limítrofes. Numa extensão de 114 km, esta construção ligou a Nascente dos Olhos de Água, em Alcanena, e a Estação dos Barbadinhos em Lisboa, onde uma estação elevatória a vapor bombeava a água do aqueduto para o reservatório. Em Sacavém, subsiste o Sifão do Alviela, estrutura singular em arco que atravessa o rio Trancão e que marca indubitavelmente a paisagem.

O Aqueduto das Águas Livres, construído no século anterior, rapidamente deixou de suprir as necessidades de uma população crescente. Era imperioso dotar a capital de um sistema de abastecimento de água vital à vida e saúde pública dos habitantes. A grave epidemia de cólera de 1856 contribuiu para alertar os poderes públicos da necessidade de melhorar os sistemas de abastecimento e drenagem, seguindo o modelo de outras cidades europeias.

BAIRROS OPERÁRIOS



Nas proximidades do Palácio de Valflores, e também junto da Oliveira Milenar, podemos identificar antigos bairros construídos com o propósito de garantirem habitação para mão-de-obra essencial à laboração das fábricas. Este tipo de urbanismo, que marcou fortemente a paisagem, é indissociável do desenvolvimento industrial que se expandiu ao longo do eixo ribeirinho do Tejo e da a linha de caminho de ferro, com particular relevância no século XX.

No concelho de Loures as fábricas instalaram-se predominantemente na zona oriental, contribuindo para a desarticulação de antigas quintas agrícolas, fragmentadas em sucessivas parcelas para a edificação de espaços fabris e bairros. Se no início da industrialização muitos dos edifícios das quintas foram reconvertidos em vilas operárias, depressa as habitações mais precárias foram sendo substituídas por bairros associados às próprias fábricas, como é exemplo o Bairro da Covina.

HORTAS



Parte do percurso atravessa um conjunto de hortas urbanas onde vários habitantes locais cultivam a sua horta, conseguindo obter alguns recursos para o sustento familiar, mas, mais do que isso, são espaços de sociabilidade que ligam as pessoas entre si, aos seus bairros e à cidade. Nestas hortas informais é possível reproduzir parte das relações sociais do seu passado camponês. Não podemos esquecer que muitas das pessoas que vieram para a cidade em busca de uma vida melhor, vieram para trabalhar nas fábricas, e a possibilidade de se “apropriar” de uma pequena parcela de terreno representa uma ligação à terra, ao saber fazer que faz parte da sua identidade.

As hortas urbanas são uma realidade incontornável da Área Metropolitana de Lisboa, elas surgem nos taludes das novas acessibilidades, nas imediações de bairros, junto a ribeiras, em terrenos abandonados. Atualmente assistimos à valorização destes espaços dentro da malha urbana, pela sua importância económica, social e ambiental.



IGREJA MATRIZ DE SANTA IRIA

A igreja de Santa Iria da Azóia é um templo de uma nave apresentando uma feição maneirista nas proporções da fachada e coro. A referência mais antiga é a capela dos Barros de 1558, onde se encontram sepultados os seus instituidores, Jorge de Barros e sua mulher, fidalgo D. João III, e feitor da Flandres. Uma reformulação seiscentista da igreja integrou a capela dos Barros, com excepção da fachada, mais tardia.



O portal principal, de verga recta, está datado de 1715, época que assinala possivelmente o final da campanha de remodelação. É encimado por frontão semicircular interrompido por cruz, exibindo, no tímpano, símbolos alusivos ao martírio de Santa Iria. A capela-mor, muito profunda e com abóbada pintada, exhibe retábulo de embutidos marmóreos, muito ao gosto do que se fazia em Lisboa no final do século XVII, e as paredes são revestidas por azulejos contemporâneos da edificação da fachada representando episódios da vida de Santa Iria. Ainda no interior, destaque para a talha que embeleza os altares, não esquecendo as pinturas quinhentistas e seiscentistas e as várias imagens que enriquecem este monumento.

*Igreja Matriz de Santa Iria está classificada com Imóvel de Interesse Público desde 2002
(Decreto n.º 5/2002, DR, 1.ª série-B, n.º 42 de 19 fevereiro 2002)*



OLIVEIRA MILENAR

Uma oliveira bravia com 2850 anos foi identificada como uma das árvores mais velha do país por um grupo de investigadores da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Vive em Santa Iria da Azóia, concelho de Loures, mais precisamente no Bairro da Covina.

Esta magnífica Oliveira é o que resta de um antigo olival próximo das ruínas do Castelo de Pirescouxe, tendo sido a idade determinada através de um método inovador de datação de árvores antigas. O novo método desenvolvido pelo investigador José Luiz Louzada baseia-se na análise dos padrões de crescimento da espécie, como a altura, o perímetro e o diâmetro.

Esta venerável oliveira foi contemporânea da ocupação romana da Península, quando esta região pertencia à província da Lusitânia, a qual tinha a sua capital em Mérida. Não podemos deixar de salientar que o cultivo da oliveira, bem como a produção de vinho são duas actividades características do mediterrâneo. O azeite sempre teve múltiplas funções: alimento, energia, óleo para fins medicinais, embelezamento, entre outras.



CASTELO DE PIRESCOXE

O Castelo de Pirescouxe, morgadio instituído em 1442 por Nuno Vasques de Castelo Branco e sua esposa, foi um paço senhorial, residência senhorial que incorporava igualmente uma função defensiva, uma vez que fazia parte do conjunto de fortificações que compunham a linha de defesa do Baixo Vale do Tejo. A sua posição estratégica permitia quer o controlo da circulação fluvial, como antever-se a aproximação de grupos armados por terra.

Apresenta uma planta ligeiramente trapezoidal, com muralhas baixas, reforçadas por três torres distribuídas irregularmente. Destaca-se a chaminé na parede exterior norte do Castelo que, muito possivelmente, esteve integrada num espaço de cozinha, atualmente desaparecido. Na parede Sul a estrutura defensiva, tipo baluarte, poderá ter sido acrescentada por ocasião das guerras da Restauração.

Actualmente o Castelo é um equipamento cultural municipal, com uma programação variada que inclui exposições artísticas.

*Castelo de Pirescouxe está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1961
(Decreto n.º 44 075, DG, 1.ª série, n.º 281 de 05 dezembro 1961)*